

o alforge

ao serviço dos valores e da comunidade

boletim (in)formativo

www.oalforge.pt

número 36

março 2024

Arciprestado Seia - Gouveia

distribuição gratuita



5.º Congresso
Eucarístico
Nacional

BRAGA
2024

31 maio a 2 junho

**Partilhar o Pão,
alimentar a Esperança**
Reconheceram-n'O ao partir o pão

(Lc 24,35)

Mais um ano e mais uma Quaresma. Que este seja um tempo de olhar para nós mesmos e aos outros com amor, baseado num silêncio sem pressa e com o foco na manhã de Domingo de Páscoa - Ressurreição.



Reflexão do Conselho Pastoral Diocesano sobre o Relatório de Síntese do Sínodo sobre a sinodalidade

O Conselho Pastoral Diocesano apreciou as partes do *Relatório de Síntese do Sínodo sobre a sinodalidade*, n.os 8-11 e 18, de acordo com a recomendação superiormente feita e que nos chegou da Conferência Episcopal Portuguesa, em ordem a contribuir para a preparação da segunda sessão do mesmo Sínodo, que terá lugar em outubro próximo.

Destacam-se os principais assuntos abordados.

Assim, há que levar a sério

a responsabilidade própria dos leigos e criar-lhes condições de formação para o seu cumprimento.

Compete-lhes exercer funções dentro da Igreja, nomeadamente com possibilidade de liderarem comunidades, mas o seu papel mais específico é intervir nas realidades da sociedade, com mandato da Igreja, sob orientação dos respetivos pastores.

Às comunidades pertence identificar bem os ministérios de que precisam, em processo de discernimento comunitário, contando sempre com a luz e a assistência do Espírito Santo (n. 8).

O lugar e as funções da mulher na vida da Igreja foi outro assunto abordado. Considerou-se que elas precisam de ser mais tidas em conta nos processos de decisão, o que, não existindo, é prejuízo para a comunidade (n.9).

Também há que saber promover o encontro e a cooperação entre os vários carismas na vida da Igreja para efetivo serviço da missão (n.10).

Dedicou-se algum tempo a apreciar o Ministério Ordenado do Diácono, sentindo-se que, em alguns lugares, ele já é devidamente compreendido e valorizado, mas, em outros, a sua valorização deixa muito a desejar, aparecendo aos olhos de alguns ainda como um serviço bastante estranho (11).

Refletindo sobre os órgãos de participação na vida das comunidades, o Conselho sublinhou a importância de eles contribuírem para uma cultura de prestação de contas e de avaliação contínua, pois tudo o que se faz, e também as nossas atividades pastorais, precisa de programação, execução, avaliação, e, finalmente, pelo menos de alguma

comunicação.

Registou-se como muito positiva a proposta para que seja introduzida no Direito a obrigatoriedade dos Conselhos Pastorais Paroquiais. E sublinhou-se ainda mais que a Palavra de Deus é soberana e à sua autoridade devem estar sujeitos todos os processos de discernimento destes organismos de participação.

O objetivo é sempre conseguir a máxima consensualidade nas decisões que é preciso tomar (n.18).

Por outro lado, o Conselho Presbiteral analisou a importância para a vida das comunidades e seus ministérios e serviços, em perspectiva de futuro, tais como a responsabilidade dos leigos, incluindo o abrir caminho para também poderem liderar comunidades, o lugar das mulheres na vida da Igreja, elas que, visivelmente, são o maior número dos participantes, a necessidade de cuidar melhor a formação do clero, pois, hoje em dia, essa também é obrigação de qualquer profissional.

Ficha Técnica

Propriedade e Administração: Arciprestado de Seia e Gouveia

Equipa Responsável: Carlos Sousa (Pe.) e Paulo Caetano.

Colaboradores nesta Edição: Geraldo De Mori, sj (Pe.), Guilherme d'Oliveira Martins (dr.), Manuel Felício (Dom), Paulo Caetano (dr.).

Revisão dos Textos: Anabela Jorge (Dra.) e Cláudia Lopes (Dra.).

Morada para Correspondência: Av. Visconde Valongo, n. 11, 6270-486 Seia

Contatos: p.caetano@mail.telepac.pt | www.oalforge.pt

Nota: Os Textos são da responsabilidade dos próprios autores.

A Quaresma - Caminhada de Fé rumo à liberdade

A Quaresma é sempre um forte apelo à responsabilidade das pessoas e das comunidades para reverem as suas vidas, reconhecerem os seus percursos errados e lhes darem o rumo certo.

Para nos orientar e motivar neste esforço de travessia do deserto, contamos com a iniciativa do próprio Deus, que vem ao nosso encontro, na Pessoa de Jesus e na luz e força do Espírito Santo.

Como nos lembra o Papa na sua Mensagem, a Quaresma é tempo de graça em que o deserto volta a ser o lugar do primeiro amor (Os. 2,16-17). É tempo para revivermos o cuidado que Deus tem por todos e cada um de nós, pois Ele vem, uma e outra vez, e surpreende-nos com a sua presença e com os caminhos novos que nos aponta; e também para despertarmos em nós a obrigação de cuidarmos bem uns dos outros e da própria casa comum que habitamos. Essa mesma obrigação nos lembra o Papa, na sua Mensagem, quando convida para “o cuidado com a criação e a inclusão de quem não é visto ou marginalizado”.

Precisamos, por isso, de cultivar a vigilância sobre as nossas pessoas e sobre a vida da Igreja e do próprio mundo, quer para sentirmos o cuidado de Deus, quer para reforçarmos o nosso. O encontro mais intenso com a Palavra de Deus e a oração, assim como o cuidado dos outros, especialmente quando os outros são os mais fracos e vulneráveis, têm de fazer

parte do nosso programa quaresmal.

Por sua vez, a revisão de vida, através do exame de consciência mais apurado e a procura do perdão do Senhor no Sacramento da Reconciliação, são igualmente caminho que não podemos dispensar, como nos lembra este tempo forte da Quaresma. Ajudam-nos momentos de paragem, para leitura da nossa vida pessoal e comunitária, à luz da Palavra de Deus. E os retiros, recoleções e outros momentos de reflexão e oração propostos pelos programas quaresmais das comunidades, sejam de paróquias, de arciprestado ou outros, constituem oportunidades que temos de saber aproveitar.

A tradição do jejum, da oração e da esmola não perdeu nenhuma atualidade e continua a ser método válido para progredirmos na prática da caridade e, em geral, na nossa conversão. Assim nos iremos preparando para que a Páscoa seja, de verdade, a vida nova de Cristo Ressuscitado a espelhar-se, o mais possível, nas nossas vidas.

Por sua vez, as promessas batismais, que renovaremos na Noite Pascal, queremos que sejam o ponto de chegada deste percurso de renovação da Fé a que a Quaresma nos convida. Com elas professamos

também a verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Estamos já habituados a fazer renúncia quaresmal em favor de alguma necessidade que nos é recomendada. Este ano, tendo em conta que a Liga dos Servos de Jesus celebra o seu centenário, vamos dirigir a nossa renúncia quaresmal para o centro missionário que a mesma Liga criou em Angola. Este centro missionário consta de uma escola do ensino básico que, agora sob orientação do Bispo Diocesano local, acolhe 500 alunos. Ao lado, há um centro de espiritualidade, que a pandemia obrigou a fechar. É especialmente para a reabertura deste centro missionário de espiritualidade que queremos dirigir o nosso contributo da renúncia quaresmal, contando com a cooperação dos missionários da Boa Nova. Com a bênção de Deus e a companhia carinhosa e maternal de Nossa Senhora, procuremos viver, com muita esperança, a caminhada desta Quaresma, no espírito sinodal que nos é recomendado.



D. Manuel Felício,
Bispo da Guarda



A Quaresma é caminho para a liberdade

Na sua Mensagem para a Quaresma, o Papa Francisco lembra “a forma sinodal da Igreja, que estamos a redescobrir e cultivar nestes anos” e a necessidade de “grandes opções contracorrente”. “Deus guia-nos para a liberdade”, mas antes acompanha-nos “através do deserto”. É neste sentido que aponta a Mensagem do Papa para a Quaresma que agora se iniciou. Citando o texto bíblico do Êxodo, o Santo Padre sublinha “como Israel no deserto tinha ainda dentro de si o Egito”, ou seja, como o povo tinha ainda “dentro de si vínculos opressivos”. Algo que acontece “também hoje”, salienta o Papa. “Damo-nos conta disto, quando nos falta a esperança e vagueamos na vida como em terra desolada, sem uma terra prometida para a qual tendermos juntos”, diz Francisco. “A Quaresma é o tempo de graça em que o deserto volta a ser – como anuncia o profeta Oseias – o lugar do primeiro amor”. Na escuridão das desigualdades e dos conflitos “Através do deserto, Deus guia-nos para a liberdade” é o título da Mensagem do Papa Francisco para esta Quaresma de 2024. E neste caminho para a liberdade “o primeiro passo” deve ser “querer ver a realidade”, afirma o Santo Padre recordando “o grito de tantos irmãos e irmãs oprimidos”. “Na minha viagem a Lampedusa, à globalização da indiferença contrapuz

duas perguntas, que se tornam cada vez mais atuais: «Onde estás?» (*Gn 3, 9*) e «Onde está o teu irmão?» (*Gn 4, 9*)”, lembra o Papa. No seu texto, Francisco declara existir hoje um “défice de esperança”. Como se existisse um impedimento de sonhar numa humanidade que persiste na “escuridão das desigualdades e dos conflitos”. Uma realidade que o Papa apresenta citando o testemunho de bispos e de agentes de paz e justiça. “O testemunho de muitos irmãos bispos e dum grande número de agentes de paz e justiça convence-me cada vez mais de que aquilo que é preciso denunciar é um défice de esperança. Trata-se de um impedimento a sonhar, um grito mudo que chega ao céu e comove o coração de Deus. Assemelha-se àquela nostalgia da escravidão que paralisa Israel no deserto, impedindo-o de avançar. O êxodo pode ser interrompido: não se explicaria doutro modo porque é que tendo uma humanidade chegado ao limiar da fraternidade universal e a níveis de progresso científico, técnico, cultural e jurídico capazes de garantir a todos a dignidade, tateie ainda na escuridão das desigualdades e dos conflitos”, escreve o Papa. Segundo Francisco, a Quaresma é tempo de conversão, de fazer deserto em nós, um “espaço onde a nossa liberdade pode amadurecer”, diz o Santo

Padre. Um amadurecimento cimentado nas atitudes da oração, da esmola e do jejum.

“Oração, esmola e jejum não são três exercícios independentes, mas um único movimento de abertura, de esvaziamento: lancemos fora os ídolos que nos tornam pesados, fora os apegos que nos aprisionam. Então o coração atrofiado e isolado despertará. Para isso há que diminuir a velocidade e parar. Assim a dimensão contemplativa da vida, que a Quaresma nos fará reencontrar, mobilizará novas energias.

Na presença de Deus, tornamo-nos irmãs e irmãos, sentimos os outros com nova intensidade: em vez de ameaças e de inimigos encontramos companheiras e companheiros de viagem. Tal é o sonho de Deus, a terra prometida para a qual tendemos, quando saímos da escravidão”, escreve o Santo Padre.

O Papa cita um excerto do seu discurso aos estudantes universitários durante a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, apontando ao “lampear numa nova esperança” se a “Quaresma for de conversão”. “Quero dizer-vos, como aos jovens que encontrei em Lisboa no verão passado: «Procurai e arriscaí; sim, procurai e arriscaí. Neste momento histórico, os desafios são enormes, os gemidos dolorosos: estamos a viver uma terceira guerra mundial feita aos pedaços. Mas abracemos o risco de pensar que não estamos numa

agonia, mas num parto; não no fim, mas no início dum grande espetáculo. E é preciso coragem para pensar assim» (Discurso aos estudantes universitários, 03/VIII/2023). “A cada ano vale sempre a pena ler a Mensagem de Quaresma do Papa. A mim faz-me parar, nem que por breves minutos, e apontar estes 40 dias que chegam como oportunidade de reflexão, melhoria, mudança ou até de despertar de outras vontades naquele momento ou circunstância de vida. Desta vez a vontade de ler a Mensagem do Papa Francisco foi reforçada pela parte gráfica que acompanha o documento. Os desenhos da autoria de Mupal, artista italiano conhecido pelas suas intervenções nas ruas de Roma, vão sendo apresentados ao longo deste tempo e, aqui, o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral teve essa ousadia de “trazer da rua” para a Igreja, o mesmo propósito de fazer caminho com a ajuda da arte. Vale a pena também frisar o olhar ao mais pobre, presente na Mensagem, denunciando a pobreza que atinge milhões de pessoas e a destruição da natureza. “Através do deserto, Deus guia-nos para a liberdade” é o título da Mensagem que nos provoca e aponta que a humanidade vive ainda na “escuridão das desigualdades e dos conflitos”.

As práticas quaresmais - um caminho para a Páscoa

“Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,23)

As três práticas antigas, presentes no judaísmo e assumidas pelo cristianismo, mas também presentes noutras religiões, são fortemente lembradas no tempo da quaresma pela Igreja católica: o **jejum**, a **esmola** e a **oração**. Jesus, no capítulo 6 de Mateus, comenta cada uma dessas práticas, mostrando como devem ser vividas pelos discípulos: não para “aparecer” diante dos demais, mas como sinal de um dom gratuito (esmola), como desejo de encontro verdadeiro com Deus (oração), e como expressão de uma ausência que estimula o desejo de partilha e solidariedade (jejum).

Na liturgia da Quarta-Feira de Cinzas, esse texto de Mateus aponta o caminho a ser percorrido para preparar-se para a Páscoa do Senhor, o grande mistério de entrega que expressa a plenitude de sentido à qual são chamadas tais práticas piedosas que visam à conversão.

As **práticas quaresmais** podem ser vividas de muitas maneiras pelos/as cristãos/ãs. Muitos/as a tomam com muita seriedade, como verdadeiros “exercícios” de piedade, buscando encontrar mais espaço para Deus nas suas vidas, dando por isso mais tempo para momentos de oração, participação em encontros, muitos deles de longa

tradição, como a Via-Sacra, que recorda os passos vividos por Jesus no caminho para o Calvário.

Além de rezarem mais, os fiéis também se esforçam por viver o jejum, com experiências sinceras de penitência e privação, que os ajudam a descobrir o essencial, a dominar não só o “apetite” de alimentos, mas outros “apetites” desordenados relacionados a muitos âmbitos da existência. Dar esmola também se torna um gesto de descoberta da gratuidade, ou, como diz Jesus no Sermão da Montanha, que a sua “mão direita não saiba o que fez a esquerda” (Mt 6,3), experiência pouco evidente em muitos.

Em geral, a Igreja busca nos “sinais dos tempos” da realidade social, política, económica, social e religiosa, novos apelos que são feitos aos seus fiéis para que, de facto, o seu jejum, a sua oração e a sua esmola contribuam para que o reino de Deus se aproxime de quem passa fome, se encontra longe de Deus ou necessita de gestos de compaixão do Bom Samaritano. Os temas e os lemas da Campanha da Fraternidade são a tradução para cada ano do significado das práticas que preparam os/as fiéis a viverem o grande mistério da fé: a Páscoa do Senhor.

As práticas piedosas sempre atraíram as pessoas. Todas as religiões buscam desenvolvê-las. No mundo religioso do Israel antigo, essas práticas atraíram os fiéis e desviavam-nos do

verdadeiro sentido da religião. Deus, através dos profetas vai, por exemplo, dizer que abomina os holocaustos e sacrifícios que Lhe eram oferecidos (Is 1,11-14). Segundo Amós, Deus odeia as festas religiosas e as assembleias solenes (Am 5,21). Essa consciência de que a verdadeira religião não se reduz a rituais e práticas de piedade, mas é fortemente acentuada por Tiago, que fala que “a pura e verdadeira religião diante de Deus é cuidar dos órfãos e das viúvas nas suas dificuldades e afastar-se da corrupção do mundo” (Tg 1,27). O próprio Jesus, na famosa parábola do juízo final de Mateus, diz que o critério da salvação ou da condenação não são as práticas religiosas, mas dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, vestir quem está nu, visitar quem está enfermo ou na prisão, acolher o estrangeiro (Mt 25,31-46).

A religião, com seus símbolos e ritos, não se esgota nas práticas da misericórdia, solidariedade e serviço aos mais pobres e humilhados. Ela é da ordem do mistério, que sempre aponta para um excesso, ou a um “muito mais”, que é Aquele que dá origem aos cultos, à adoração, mudando vidas e atraindo-as para ele: Deus. Rudolf Otto, um dos grandes estudiosos da religião no século XIX, diz que o sagrado, que está na origem das religiões, suscita “tremor e temor”, “fascínio” e “medo”. De facto, é ao redor desses dois

sentimentos profundos que muita gente se aproxima da religião. É ao redor deles também que são elaborados os discursos religiosos e os seus rituais. O fascínio é o que atrai, pois dá sentido, responde às perguntas mais radicais, oferece segurança, dá a sensação de se alcançar uma plenitude. O contrário, o temor, aponta para aquilo que é da ordem do não sentido, que diminui o ser humano, seja porque ele não o pode controlar, como o sofrimento, a doença, a morte, seja porque é ele quem o provoca, como a violência e tantas formas de diminuição e humilhação do outro. Na Bíblia, o fascínio é muitas vezes associado à visão e à glória, sendo pensado como graça. Já o temor, oriundo do mal e do sofrimento feito pelos humanos, é identificado como pecado.

O evangelho de João convida os discípulos de Cristo a olharem para o grande sinal que será levantado na Sexta-Feira Santa: a cruz. Nela se revela o coração da malícia do pecado, mas também aquilo que pode vencê-lo. É a verdadeira contemplação desse sinal que as práticas religiosas da quaresma convidam a todos. Que o olhar para o Crucificado suscite nesta Quaresma e nos fiéis, os sentimentos do Cristo, abrindo o coração para aprender a verdadeira religião, que é a que leva a “adorar Deus em espírito e verdade”.

Geraldo De Mori, SJ



«O relacionamento pessoal que cada fiel estabelece com Jesus, presente na Eucaristia, recondu-lo sempre ao conjunto da comunhão eclesial, alimentando nele a consciência da sua pertença ao Corpo de Cristo».

Sacramentum Caritatis, Formas de devoção eucarística, 68

O que é um Congresso Eucarístico?

A Eucaristia é o maior tesouro da Igreja Católica, porquanto é a presença do próprio Jesus Cristo no meio do povo de Deus. O povo das Escrituras caminhava para a terra prometida levando consigo a arca da aliança, com as tábuas da lei, sendo orientado por meio de Moisés e seus colaboradores.

O povo do Novo Testamento caminha na história, em vista de novos céus e novas terras, levando consigo Jesus Cristo, alimentado pela Palavra das Escrituras e pela Eucaristia. Um Congresso Eucarístico, portanto, quer reafirmar esta certeza: **Ele está no meio de Nós!** É um convite a todos que crêem nesta verdade: **Vinde e Vede! (Jo 1,39).**

Um Congresso Eucarístico quer ser a convergência de todas as pessoas que professam a fé católica na realidade da Santíssima Eucaristia, e que desejam dar um testemunho público de sua fé na presença real do Senhor Jesus, animando, consolando e convertendo os fiéis.

O Congresso Eucarístico é uma demonstração pública de nossa fé pessoal: **anunciamos sua morte e proclamamos sua ressurreição! Vinde Senhor Jesus!** Deste modo reafirmamos nossa certeza de vida eterna, para além dos horizontes de nossa história! A partir dessa profissão explícita de nossa fé na Eucaristia, o Congresso Eucarístico busca as consequências práticas, o compromisso desse gesto tão sublime de adoração!

Adorareis o Senhor em Espírito e Verdade (João 4,24). Um ato de adoração radical a Jesus na Eucaristia implica em compromisso de coerência e autenticidade cristã. Por isso, um Congresso Eucarístico tem implicações teológicas e espirituais, pastorais e missionárias, catequéticas e vocacionais, sociais e políticas, culturais e ecológicas, ecumênicas e inter-religiosas.

Adoramos Jesus na Eucaristia e queremos anunciá-lo á todos os homens e mulheres do nosso tempo, como o Libertador e Salvador que nos assegura vida em abundância (Jo 10,10).

Desde o início, os Congressos Eucarísticos tiveram três características essenciais: (i) Aprofundar a doutrina cristã sobre a Eucaristia; (ii) Prestar culto público e solene ao Santíssimo Sacramento:

adoração e reparação e (iii) Manifestar a universalidade e unidade da Igreja.

Posteriormente, os Congressos Eucarísticos passaram a preocupar-se também com outros aspectos, sócio-políticos diversificados e temáticas específicas: Irradiar para a Igreja e a sociedade os frutos da Eucaristia na ação social; Seminários temáticos para públicos específicos: crianças, jovens, militares, universitários, operários, políticos e empresários, casais e idosos, doentes e dependentes de drogas, marginalizados e excluídos; Eucaristia e Missionariedade; Eucaristia, Evangelização e Meios de Comunicação Social. Para atingir os seus objetivos, os Congressos Eucarísticos realizam atividades diversificadas: Reflexões teológico e pastorais; Solenes Celebrações Litúrgicas;

Programas populares de educação da fé: missões populares; Jornadas Sociais em favor dos pobres e excluídos.

Segundo João Paulo II, um Congresso Eucarístico é: *“Um grande evento eclesial que deve envolver cada Igreja Particular, cada paróquia, cada comunidade religiosa e cada movimento eclesial. Todos devem sentir-se chamados a tomar parte do Congresso, mediante uma catequese mais intensa sobre a Eucaristia, uma participação mais consciente e ativa na Liturgia Eucarística e um sentido de adoração capaz de interiorizar a celebração do Mistério Pascal, com uma oração que transforma a vida toda numa oferta pela vida do mundo, segundo o exemplo de Cristo”* (Jo 10,10-11).

5.º Congresso
Eucarístico
Nacional

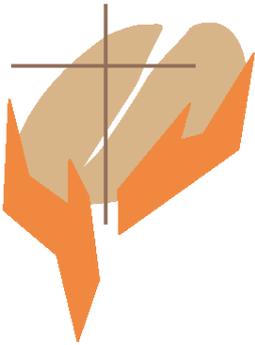
BRAGA
2024
31 maio a 2 junho

Partilhar o Pão,
alimentar a Esperança
Reconheceram-n'O ao partir o pão

(Lc 24,35)

O Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais

Algumas Perguntas a propósito dos Congressos Eucarísticos



1. Qual a origem dos Congressos Eucarísticos?

Os Congressos Eucarísticos nasceram na segunda metade do século XIX na França. Foi uma mulher de nome Emilie Tamisier (1834 – 1910), inspirada por São Pedro Julião Eymard (1811 – 1868), chamado o “Apóstolo da Eucaristia”, que tomou a iniciativa de organizar, com a ajuda de outros leigos, sacerdotes e bispos e com a bênção do papa Leão XIII, o primeiro Congresso Eucarístico Internacional em Lille, com o tema: “A Eucaristia salva o mundo”. Apostava-se numa renovada fé em Cristo presente na Eucaristia como remédio contra a ignorância e a indiferença religiosa. Os primeiros Congressos foram inspirados pela viva fé na presença real da pessoa de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia. Portanto, o culto eucarístico manifestava-se de modo particular pela adoração solene e pelas grandiosas procissões que evidenciavam o triunfo da Eucaristia. A partir dos decretos de São

Pio X sobre a comunhão frequente Sacra Tridantina Synodus (1905) e sobre a comunhão das crianças Quam Singularis (1910), na preparação e na celebração dos Congressos promoviam-se a comunhão frequente dos adultos e a primeira Comunhão das crianças. Com o pontificado de Pio XI os Congressos Eucarísticos se tornaram internacionais, pois começaram a ser celebrados rotativamente em todos os Continentes, adquirindo uma dimensão missionária e de “re-evangelização” (expressão já usada para a preparação do Congresso de Manila de 1937).

2. O que é um Congresso Eucarístico?

Um Congresso Eucarístico deve ser considerado, segundo o Ritual Romano *De comunione et de cultu mysterii eucaristici extra missam* (1973) n. 109, “como uma estação à qual uma Igreja local convida as outras Igrejas da mesma região ou da mesma nação ou do mundo inteiro”.

3. Quem pode convocar um Congresso Eucarístico?

O Papa convoca o Congresso Eucarístico Internacional na sede proposta pelo Presidente do Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais. Congressos Eucarísticos Nacionais, diocesanos e paroquiais podem ser organizados pelas respectivas autoridades eclesiais.

4. Quais São as finalidades do Congresso Eucarístico?

Com o empenho dos Delegados nacionais e diocesanos – e onde existem, dos Comitês Nacionais – com o apoio das Conferências Episcopais e dos Bispos ordinários, é favorecer ou tomar iniciativas que, em harmonia com as disposições vigentes da Igreja, têm o objetivo de incrementar a compreensão e a participação ao Mistério eucarístico em todos os seus aspectos: desde a celebração do *culto extra missam*, até a irradiação na vida pessoal e social.

5. O que se deve considerar para preparar um Congresso Eucarístico?

Os documentos a serem estudados para a preparação de um Congresso Eucarístico são primeiramente os documentos do Magistério: a Instrução *De cultu mysterii eucaristici* (1967); o Ritual Romano *De comunione et de cultu eucaristico extra missam* (1973) os números 110 – 111, e especialmente a Carta Encíclica do Papa João Paulo II *Ecclesia de Eucharistia* (2003). Para a fisionomia própria de cada Congresso, é indispensável a reflexão sobre as aplicações pastorais do texto base redigido pelo Comitê local.

6. Quais os elementos essenciais que constituem a Celebração de um Congresso Eucarístico?

O Ritual Romano indica no n. 112 como ponto central de todos os Congressos Eucarísticos, a Celebração Eucarística,

fonte e ápice de toda a vida cristã. As celebrações da Palavra de Deus e as conferências podem contribuir para analisar os vários aspectos do Mistério Eucarístico. A possibilidade de rezar juntos e de fazer adoração ao Santíssimo Sacramento nas igrejas indicadas contribui para interiorizar os temas. Não devem faltar os testemunhos de fé eucarística manifestados também com procissões e iniciativas caritativas.

7. Quanto tempo dura um Congresso Eucarístico?

Conforme as circunstâncias e os recursos pastorais, a celebração de um Congresso Eucarístico pode durar vários dias, até uma semana.

8. Como é no Pós-Congresso?

Para que um Congresso Eucarístico Internacional frutifique, é indispensável dar seguimento a ele nas dioceses e nas paróquias. Por isso necessita uma concepção renovada do papel dos Delegados nacionais e dos Comitês nacionais. Eles têm de ser os animadores permanentes do culto em todas as suas dimensões (celebração, adoração e vida pessoal e social) e manter viva a chama, para que os Congressos Eucarísticos Internacionais não fiquem só como uma boa lembrança pessoal, mas tenham uma continuidade e um impulso missionário.

Programa do 5º Congresso Eucarístico

Sexta-feira: 31 de maio

Partilhar o Pão

- 08:30 Acolhimento
- 10:00 **Oração e sessão de abertura**
› Núncio Apostólico, Presidente da CEP, Arcebispo Metropolitano de Braga
- 11:00 Intervalo
- 11:30 **I. Conferência: “Partilhar o Pão: Eucaristia e Fraternidade”**
P. Corrado Maggioni, smn, Presidente do Pontifício Comité para os Congressos Eucarísticos Internacionais
Moderador: *P. Carlos Cabecinhas*
- 12:30 Almoço
- 15:00 **I. Painele: “Testemunhos de movimentos eucarísticos”**
› Apostolado da Oração – Carlos Silva, Confraria do Santíssimo Sacramento – Mário Silva, Reparadoras de N. S. de Fátima – Ir. Amália Saraiva
Moderador: *P. António Sant’Ana, sj*
- 16:30 Intervalo
- 17:00 **II. Conferência: “Reconheceram-n’O ao partir o Pão” (Lc 24, 35)**
Ir. Luísa Almendra, rscm
Moderador: *P. Manuel Barbosa, SCJ*
- 19:00 **Eucaristia (Sé)**, Preside: D. José Cordeiro, *Arcebispo Metropolitano de Braga*
- 20:00 *Jantar livre*
- 21:30 **No encerramento do mês de Maria: Terço e Festa Mariana**
› Preside à oração do Terço: D. Francisco Senra Coelho, *Arcebispo Metropolitano de Évora*
Local: Avenida Central

Sábado: 1 de junho

Alimentar a Esperança

- 09:30 **Laudes e Eucaristia** (Altice Forum Braga), Preside: **D. José Ornelas, Presidente da CEP**
- 11:30 **III. Conferência: “Alimentar a Esperança”**, P. Carlos Carneiro, SJ
Moderador: *P. António Sérgio Torres*
- 12:30 Almoço
- 15:00 **Workshops**
› Hospitalidade – P. João Alberto Correia, Jovens (JMJ e Eucaristia) – Mariana Martins
› Família – Casal: Maria de Fátima Cruz e José Manuel Cruz, Pobres – Rita Valadas
› Ecologia – Isabel Varanda, Espiritualidade eucarística: Alzira Fernandes
› Confrarias do Santíssimo Sacramento: P. Vítor Emanuel Dionísio Ramos
- 16:30 Intervalo
- 17:00 **II. Painele: “Eucaristia e Santidade”**
Participantes no 1.º Congresso Eucarístico Nacional que têm processos de canonização em curso
› Beata Alexandrina Costa - **Alexandre Freire Duarte**; Frei Bernardo de Vasconcelos, osb - **P. Mário Rui Oliveira**
› P. Abílio Correia - **P. Avelino Marques Amorim**, Ir. Alzira Sobrinho (*Ir. São João*) - **Ir. Emília Seixas, SFRJS**
› D. Manuel Mendes da Conceição Santos - **P. Ricardo Nuno Carolino Lameira**
› D. João de Oliveira Matos - **D. António Moiteiro, Bispo de Aveiro**
Moderador: *P. Marcelino Paulo Ferreira*
- 18:30 **Vésperas** (Altice Forum Braga), Preside: **D. Rui Valério, Patriarca de Lisboa**
- 19:30 *Jantar livre*
- 21:30 **Cantata eucarística (Sé)**
Cânticos eucarísticos de vários tempos e autores com arranjo e orquestração de Fernando Lapa

Domingo: 2 de junho

Reconheceram-n’O ao partir o pão (Lc 24,35)

- 07:00 **Peregrinação** a pé ao Sameiro: partida da Sé
- 11:00 **Eucaristia** solene de encerramento, no recinto do Sameiro
› Preside: Cardeal Delegado Pontifício
Leitura das conclusões do Congresso

A estranha nostalgia da escravidão

Vivemos um tempo de grande angústia e incerteza. As guerras multiplicam-se e os sinais de intolerância são cada vez mais evidentes. Na mensagem para a Quaresma que agora se inicia, o Papa Francisco afirma que «o êxodo da escravidão para a liberdade não é um caminho abstrato. A fim de ser concreta também a nossa Quaresma, o primeiro passo é querer ver a realidade. Quando o Senhor, da sarça ardente, atraiu Moisés e lhe falou, revelou-Se logo como um Deus que vê e sobretudo escuta: “Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar das mãos dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel” (Ex 3, 7-8). Também hoje o grito de tantos irmãos e irmãs oprimidos chega ao céu. Perguntemo-nos: E chega também a nós? Mexe conosco? Comove-nos? Há muitos fatores que nos afastam uns dos outros, negando a fraternidade que originariamente nos une».

Mas será que tomamos consciência da importância destes fatores que constantemente nos afastam uns dos outros? À indiferença sobre o bem comum soma-se a ilusão de que há soluções salvadoras e discursos abstratos que apenas escondem ilusões e mentiras. No entanto, olhando em volta verificamos milhares de vítimas nas guerras que têm lugar e afetam povos

inocentes, a começar nas crianças: na guerra da Ucrânia há quase 10 mil mortos em dois anos de violência cega; no conflito Israel / Hamas em Gaza contam-se 20 mil mortos; e somam-se milhares de vítimas no Burkina Faso, na Somália, no Sudão, em Mianmar, na Nigéria, na Síria e no Líbano. Assistimos a uma guerra mundial em pedaços. O direito internacional e a dignidade humana são desprezados. Ninguém ouve o que S. João XXIII disse na encíclica “Pacem in Terris” dirigida a todos os homens e mulheres de boa vontade. Onde está a compreensão e o respeito dos direitos e deveres das pessoas? Afinal, é a nostalgia da escravidão que prevalece.

O Papa Francisco recorda-nos que na viagem a Lampedusa, contrapôs à globalização da indiferença duas perguntas, cada vez mais atuais: «Onde estás?» (Gn 3, 9) e «Onde está o teu irmão?» (Gn 4, 9). Ora, o caminho quaresmal obriga a ouvir essas perguntas. A terra, o ar e a água estão poluídos, mas as próprias almas também estão contaminadas. Infelizmente, porém, há a tentação de nos deixarmos escravizar, pelos falsos mitos, pelas mistificações, pela facilidade, pelos robôs e máquinas que tendem a dominar-nos. Ficamos inebriados pelos modelos ilusórios. «Para isso (diz-nos o Papa) há que diminuir a velocidade e parar. Assim a dimensão contemplativa da vida, que

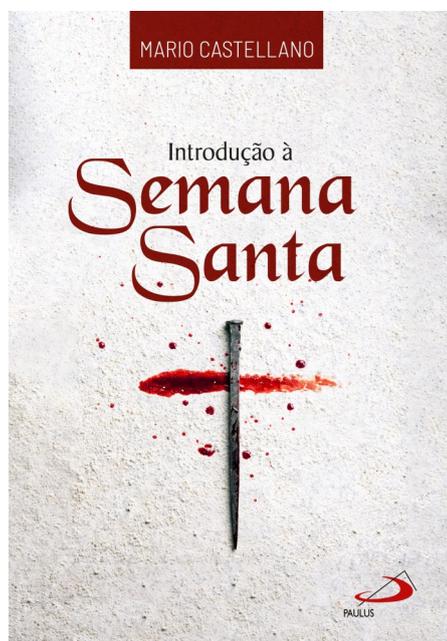
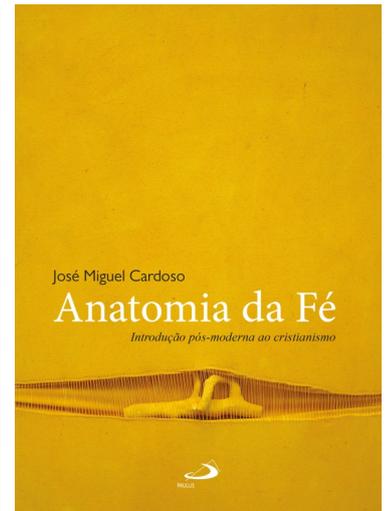
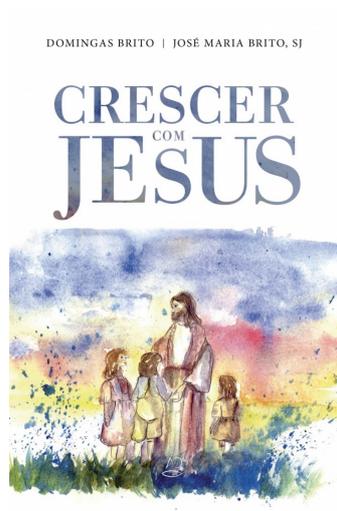
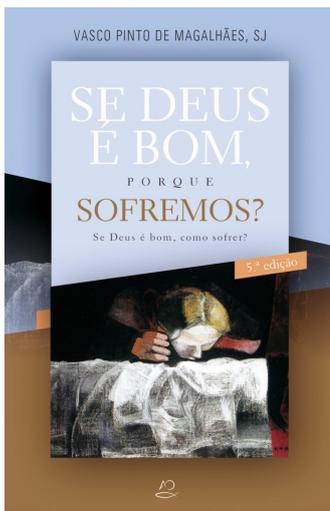
a Quaresma nos fará reencontrar, mobilizará novas energias. Na presença de Deus, tornamo-nos irmãos e irmãs, sentimos os outros com nova intensidade: em vez de ameaças e de inimigos encontramos companheiras e companheiros de viagem. Tal é o sonho de Deus, a terra prometida para a qual tendemos, quando saímos da escravidão». E se diminuimos a velocidade passamos a ter tempo para olhar o nosso próximo e para compreendê-lo para além das redes sociais e do ruído que nos distrai e torna indiferentes. As perguntas que o Papa fez em Lampedusa põem-nos diante das questões concretas. Esquecemo-nos de que vivemos um momento em que o método sinodal da Igreja tem de ser assumido, como partilha comunitária, como troca de experiências e de perguntas. Importa refletir sobre o caminho que devemos seguir, distinguindo diferentes escolhas e pondo em comum o que pode unir-nos. Tal deve sugerir, como propõe o Papa, que “a Quaresma seja também tempo de decisões comunitárias, de pequenas e grandes opções contrárias, capazes de modificar a vida quotidiana das pessoas e a vida de toda uma coletividade: os hábitos nas compras, o cuidado com a criação, a inclusão de quem não é visto ou é desprezado”. E quando ainda está na nossa memória a Jornada Mundial da Juventude do verão passado, devemos lembrar as palavras que os

estudantes universitários ouviram em Lisboa e que agora são recordadas e ganham uma importância renovada nesta Quaresma de 2024: «Procurai e arriscaí; sim, procurai e arriscaí. Neste momento histórico, os desafios são enormes, os gemidos dolorosos: estamos a viver uma terceira guerra mundial feita aos pedaços. Mas abracemos o risco de pensar que não estamos numa agonia, mas num parto; não no fim, mas no início dum grande espetáculo. E é preciso coragem para pensar assim». Não ter medo significa assumir generosamente a compaixão e o cuidado com os outros. No fundo, o que está em causa é a coragem da conversão, como saída voluntária da escravidão que está em causa. A fé e a caridade guiam pela mão a esperança do encontro e a compreensão do que ainda nos falta. Precisamos de caminhar com a segurança necessária dos passos firmes e corajosos – capazes de nos conduzir no sentido da atenção aos outros e do cuidado que lhes é devido.

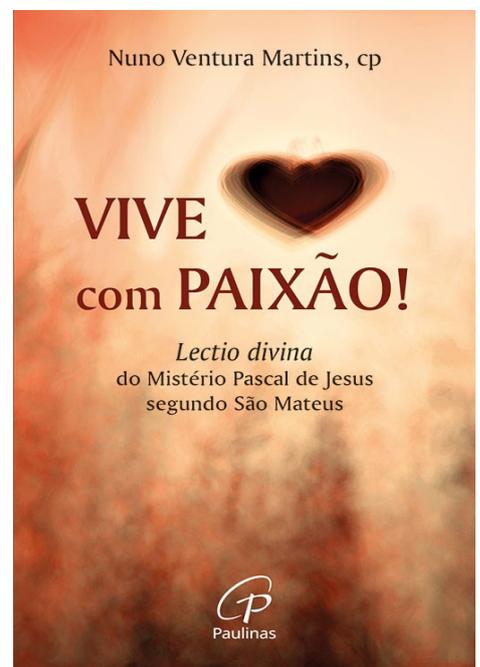
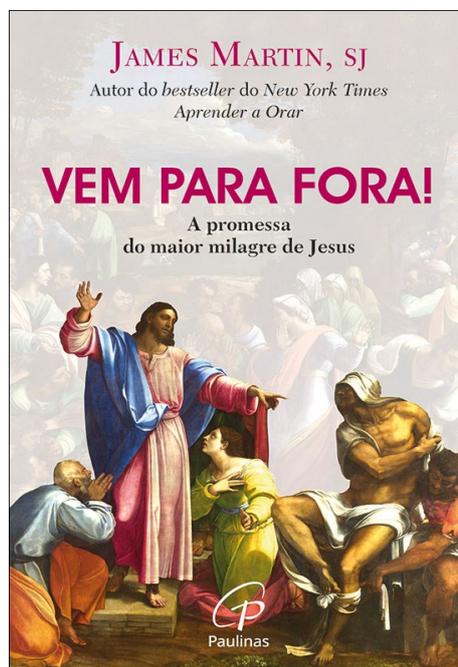
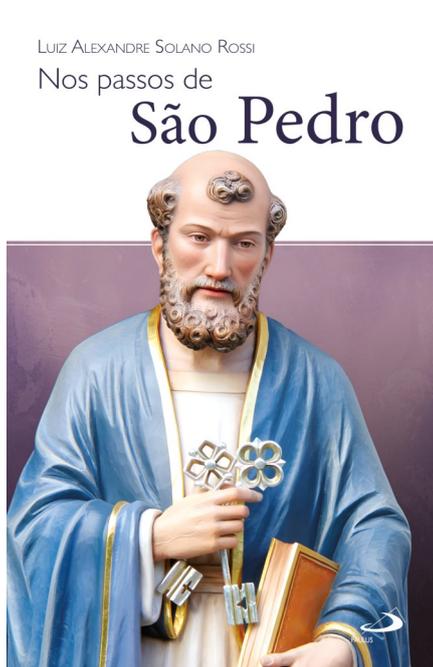
Não esqueçamos, afinal: «Quando o nosso Deus Se revela, comunica liberdade: «Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão» (Ex 20, 2). Assim se inicia o Decálogo dado a Moisés no Monte Sinai. O povo sabe bem de que êxodo Deus está a falar, porque traz ainda gravada na sua carne a experiência da escravidão. Por que razão o esquecimento é tão marcado?

Sugestão de Leituras | Galeria Paz de Espírito

11 | O Alforge | março 2024



**Leia e ofereça
um livro!**



XVI Jornadas do Conhecimento

Fé, Democracia e Liberdade:

Valores, Desafios e Compromissos

15 de março de 2024 - Abertura das XVI Jornadas do Conhecimento

"Do passado ao futuro: desafios das próximas gerações"

Mesa Redonda: Inês Saraiva, Susava Ferreira e José Nogueira

Moderação: D. Manuel Felício

21h00 Casa Municipal da Cultura de Seia

18 de abril de 2024

"Fé, Democracia e Liberdade em tempo de mudança"

Prof. Luís Silva, Movimento Pro-Vida Diocese de Aveiro

9h30 Escola Abranches Ferrão

11h00 Escola Secundária de Seia

19 de abril de 2024

"Os direitos humanos na construção da Paz e da Liberdade"

Dr. Luis Andrade, Presidente da Organização Internacional dos Direitos Humanos

21h00 Casa Municipal da Cultura de Seia

3 de maio de 2024

"Os trilhos da liberdade no respeito pela dignidade humana"

Pe. João Torres, Sacerdote e Assistente dos

Estabelecimentos Prisionais de Braga e Guimarães

21h00 Pinhanços

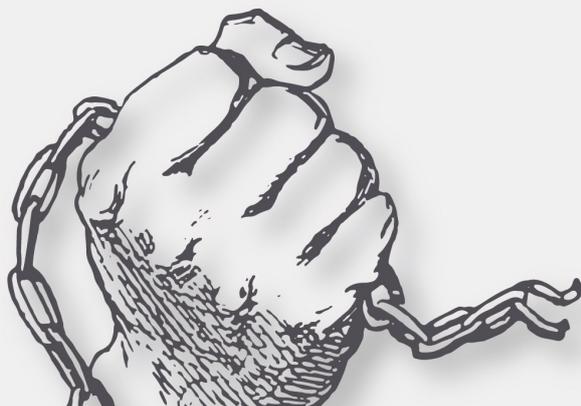
25 de maio de 2024

"O Mundo do Trabalho na edificação da Fé"

Américo Monteiro, Coordenador LOC

Brandão Guedes, Dirigente BASE - FUT

14h30 Covilhã



ORGANIZAÇÃO



APOIOS INSTITUCIONAIS



PARCEIROS DE COMUNICAÇÃO

